

## Tecendo a Cidade: Design, Artesanato e História Urbana sob as Perspectivas de Benjamin, Harvey, Mumford e Simmel.

*Crafting the City: Design, Crafts, and Urban History through the Perspectives of Benjamin, Harvey, Mumford, and Simmel.*

**Marcus Vinícius Souza Santos<sup>1</sup>**

**Alessandra da Silva Arduim<sup>2</sup>**

**Márcia Maria Couto Mello<sup>3</sup>**

**Resumo:** Este artigo aborda a relação entre design<sup>4</sup>, artesanato e a história das cidades, considerando as perspectivas de Benjamin (2022), Harvey (1993), Mumford (1998) e Simmel (1967). A partir de uma revisão bibliográfica desses autores, destaca-se a relevância desses elementos na formação urbana e explora-se como as ideias dos autores contribuem para compreender as dinâmicas urbanas. Examina-se a evolução histórica das cidades, desde civilizações antigas até a urbanização moderna. As contribuições individuais dos autores são analisadas em profundidade, mediante uma análise dos discursos dos mesmos e da identificação de pontos em seus discursos, que destaquem a relação entre a produção artesanal versus o desenvolvimento industrial, o surgimento e ascensão do design e a relação desses fatores com o desenvolvimento urbano moderno. Benjamin (2022) destaca a influência da reprodução técnica e sua influência na autenticidade nas cidades. Harvey (1993) traz uma abordagem crítica ao capitalismo e suas implicações na urbanização, evidenciando desigualdades urbanas. Mumford (1998) enfoca o papel humanizador do artesanato nas cidades. Simmel (1967) explora a complexidade das interações sociais urbanas. A importância contemporânea dessa interação é enfatizada, relacionando-se com um desenvolvimento urbano sensível, inclusivo e autêntico. Por fim, o resultado da análise sugere futuras pesquisas que explorem o impacto das tecnologias emergentes, sustentabilidade, participação comunitária e economia criativa. Em conjunto, essas perspectivas enriquecem a compreensão da relação entre design, artesanato e a história das cidades, contribuindo para o planejamento urbano que valoriza identidade cultural, inclusão e qualidade de vida.

**Palavras-chave:** Artesanato. Design. Cidades. Pós-modernidade.

**Abstract:** *This article addresses the relationship between design, crafts and the history of cities, considering the perspectives of Benjamin (2022), Harvey (1993), Mumford (1998) and Simmel (1967). From a bibliographical review of these authors, the relevance of these elements in urban formation is highlighted and the ideas of the authors considered to understand urban dynamics are explored. The historical evolution of cities is examined, from ancient civilization to modern urbanization. The authors' individual contributions are proven in depth, through the analysis of their speeches and the identification of points in their speeches, which highlight the relationship between artisanal production versus industrial development, the emergence and rise of design and the relationship of these factors with development modern urban. Benjamin (2022) highlights the influence of the reproduction technique and its influence on influences incities. Harvey (1993) brings a critical approach to*

<sup>1</sup> Doutorando em Desenvolvimento Regional e Urbano, PPDRU – Universidade Salvador-UNIFACS; Mestre em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia – UNEB; Prof. dos cursos de Arquitetura, Design e Comunicação, Universidade Salvador – UNIFACS; Prof. do Curso de Design da Unijorge. E-mail: marcus.v.souza@animaeducacao.com.br

<sup>2</sup> Doutorando em Desenvolvimento Regional e Urbano, PPDRU – Universidade Salvador-UNIFACS; Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia – UFBA; Prof.ª dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Design, Universidade Salvador – UNIFACS. E-mail: alearduim@hotmail.com.br

<sup>3</sup> Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia – UFBA; Prof.ª do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano, Universidade Salvador – UNIFACS. E-mail: mello marcia@uol.com.br

<sup>4</sup> Design é um termo incorporado ao vocabulário da língua portuguesa, que se refere a uma área de atuação e campo do saber, que assim como o termo marketing, dispensa o uso do itálico quando citado em texto acadêmico. O termo deriva, originalmente, da palavra designare, do latim, sendo mais tarde adaptado para o inglês como design. No Brasil, há registros de diversas tentativas de tradução do termo, mas os possíveis nomes como desenho industrial acabaram em desuso. Segundo Niemeyer (1997), o termo "design" foi adotado durante o 5º ENDI (Encontro Nacional de Desenhistas Industriais), que ocorreu em Curitiba em 1988, pelos profissionais brasileiros. Neste encontro diversos desenhistas industriais (hoje chamados designers) do país resolveram adotar a utilização dos termos design e designer, para se designar a área e o profissional, respectivamente.

*capitalism and its implications for urbanization, highlighting urban inequalities. Mumford (1998) focuses on the humanizing role of crafts in cities. Simmel (1967) explores the complexity of urban social interactions. It focuses on the contemporary importance of this interaction, related to sensitive, inclusive and authentic urban development. Finally, the result of the analysis suggests future research that explores the impact of emerging technologies, sustainability, community participation and the creative economy. Together, these perspectives enrich the understanding of the relationship between design, crafts and the history of cities, contributing to urban planning that values cultural identity, inclusion and quality of life.*

**Keywords:** Craft. Design. Cities. Postmodernity.

## 1 INTRODUÇÃO

As cidades, há muito tempo, têm sido os epicentros do desenvolvimento humano, onde culturas, ideias e interações convergem para criar complexos mosaicos de vida urbana. Nesse contexto, o artesanato e o design emergem como forças fundamentais que moldaram a forma e o caráter das cidades ao longo dos séculos. A conexão entre artesanato e design, que remonta às raízes da civilização, desempenhou um papel importante no desenvolvimento das cidades, contribuindo para a criação das narrativas históricas e identidades culturais que definem cada localidade.

O artesanato e o design estiveram presentes na criação e no desenvolvimento das cidades. O artesanato forneceu às comunidades produtos de utilidade e adorno, contribuindo para a formação da identidade visual e cultural das cidades, com ênfase na habilidade manual na produção personalizada. Isso possibilitou que as cidades criassem estilos únicos e distintos, refletindo as características das culturas locais, usando métodos artesanais que foram transmitidos de geração em geração.

Por outro lado, o design permitiu a produção em massa e a standardização de produtos, especialmente quando combinado com a industrialização. Isso modificou a paisagem urbana, fornecendo uma estética mais uniforme e acessível. No entanto, características artesanais frequentemente continuam presentes, mesmo em ambientes industriais, especialmente quando se busca personalizar ou singularizar os espaços urbanos.

Na contemporaneidade, a relação entre artesanato, design e desenvolvimento urbano é reconhecida como relevante e apresenta constante evolução. A globalização abriu novas portas para o intercâmbio cultural e permitiu que os designs urbanos fossem influenciados por

produtos artesanais de várias partes do mundo. Esse fenômeno é particularmente visível na arquitetura e no urbanismo, onde a busca por integrar identidade cultural, sustentabilidade e funcionalidade levou a uma demanda crescente por soluções de design que incorporem elementos artesanais.

No contexto dos eventos mais representativos da área de design, como por exemplo o P&D Design, evento internacional de grande importância para a pesquisa e o desenvolvimento do design no Brasil, observa-se um crescente interesse na relação entre design, artesanato e desenvolvimento urbano e regional. Ainda como destacado por palestrantes notáveis, como a professora doutora Adélia Borges no último Congresso Internacional de Designers de Interiores - CONAD 2023<sup>25</sup>, que aconteceu na primeira semana de agosto de 2023, com o tema "O DNA do Design de Interiores Brasileiro", o olhar voltado para a cultura local, o artesanato regional e a valorização das raízes do Brasil tornam-se imperativos. A reinvenção do design deve incorporar elementos autênticos e significativos provenientes das ricas tradições locais, como uma resposta à homogeneização que muitas vezes acompanha a globalização. A interseção entre o design contemporâneo e o artesanato tradicional não apenas celebra a herança cultural, mas também abraça a singularidade e diversidade das cidades, proporcionando uma base sólida para a criação de novas narrativas urbanas.

Além disso, as tecnologias digitais têm desempenhado um papel significativo na revitalização do artesanato nas cidades. Através da impressão 3D, da fabricação digital e de outras inovações, os artesãos modernos encontraram maneiras de combinar as técnicas tradicionais com as possibilidades tecnológicas, criando um novo tipo de artesanato urbano que valoriza a autenticidade e a customização.

Nesse contexto dinâmico, o papel de autores como Benjamin (2022), Harvey (1993), Mumford (1998) e Simmel (1967) é de fundamental importância. Suas reflexões sobre a cidade como espaço de interações culturais, poder econômico, experiência individual e construção social oferecem perspectivas profundas para entender a relação entre design, artesanato e

---

<sup>25</sup> O ABD CONAD 2023 é um evento promovido pela Associação Brasileira de Designers de Interiores. Considerado hoje, o maior e mais importante congresso para Designers de Interiores da América Latina, aconteceu, em sua última edição, entre os dias 02 e 03 de agosto de 2023, no Teatro *WTC Events Center*, na cidade de São Paulo, reunido influentes profissionais do mercado em um evento que buscou refletir a diversidade cultural do Brasil, como resultado da herança dos povos indígenas, africanos e europeus, bem como a influência de outras culturas que chegaram posteriormente, e sua relação com a prática do design.

desenvolvimento urbano na contemporaneidade. Ao examinarmos as perspectivas desses autores, poderemos descobrir como suas ideias convergem e divergem, formando um quadro abrangente da influência do design e do artesanato na história e na formação das cidades. Esta exploração permite compreender melhor como esses elementos continuam a influenciar o desenvolvimento regional e urbano nos dias de hoje.

Este artigo, portanto, pretende investigar e compreender a intrincada relação entre artesanato, design e a origem e história das cidades. Seu objetivo principal é analisar como esses elementos interagem e se entrelaçam para influenciar o desenvolvimento regional e urbano, com foco especial nas perspectivas fornecidas pelos referidos autores. A análise desses pensadores oferece insights cruciais para desvendar as dimensões complexas que sustentam as cidades como entidades vivas e em constante evolução.

A pesquisa qualitativa, caracterizada pela revisão bibliográfica dos quatro autores, oferece uma abordagem abrangente e rigorosa para investigar as interseções do artesanato e do design, no contexto urbano moderno e contemporâneo. A revisão bibliográfica oferece um sólido embasamento teórico e contextual, ajudando a enquadrar o estudo em um contexto histórico e conceitual. A análise do discurso dos quatro autores permite a compreensão aprofundada das perspectivas, ideias e argumentos apresentados por eles, permitindo uma abordagem crítica e interpretativa. Essa pesquisa pode, portanto, lançar luz sobre como o artesanato e o design contribuem para o desenvolvimento urbano, fornecendo uma visão completa e embasada sobre o tema, e criando um lastro para novas pesquisas que se integrem ao tema.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Tendo como foco principal a investigação das representações discursivas em design e artesanato, focando nas interseções com o desenvolvimento urbano, foram selecionados os quatro autores cujas teorias abordam aspectos relevantes para o tema proposto. Em conjunto, esses autores oferecem perspectivas abrangentes sobre os elementos históricos, culturais, sociais e econômicos que permeiam a relação entre artesanato, design e desenvolvimento urbano. Ao integrar suas teorias, foi possível criar uma abordagem mais

holística e crítica para analisar essa complexa interação.

O levantamento bibliográfico extensivo permitiu a compreensão da contribuição teórica de cada autor para design, artesanato e desenvolvimento urbano. Foram selecionados textos-chave de cada autor, como livros, artigos ou discursos públicos relevantes, extraído destes textos trechos discursivos pertinentes às temáticas de design, artesanato e desenvolvimento urbano.

Ao adotar uma abordagem centrada na análise bibliográfica, o estudo se dedicou a revisar e sintetizar as contribuições desses quatro autores, explorando suas ideias e perspectivas relacionadas ao papel do design, artesanato e desenvolvimento regional. Optou-se por adotar uma abordagem que privilegiasse a análise do texto original dos autores, centrando-se na influência desses elementos no surgimento e desenvolvimento das cidades modernas. O objetivo primordial consistiu em compreender as teorias dos referidos autores de maneira aprofundada. A organização das informações transcorreu com a classificação dos materiais por autor e tema. Nesse processo, foi dada atenção a possíveis lacunas nas teorias apresentadas. A síntese das informações coletadas buscou destacar os pontos-chave e construindo a narrativa do artigo a partir da análise crítica das contribuições dos autores.

Dessa forma, o artigo busca contribuir para o entendimento crítico e a contextualização das discussões sobre design, artesanato e desenvolvimento regional a partir das obras influentes de Benjamin (2022), Harvey (1993), Mumford (1998) e Simmel (1967).

A documentação dos resultados em um relatório que apresenta conclusões, implicações teóricas e práticas, além de sugestões para pesquisas futuras, pode ser conferida ao longo deste artigo. Espera-se, portanto, que a pesquisa ofereça insights significativos sobre as representações teóricas desses autores para a relação design, artesanato e seu impacto no desenvolvimento urbano.

### **3 PAPEL DO DESIGN E DO ARTESANATO NA EVOLUÇÃO URBANA**

A relação entre artesanato, design e o desenvolvimento urbano é intrincada e multifacetada, desempenhando um papel crucial na formação das cidades ao longo dos tempos. O artesanato, com sua ênfase na habilidade manual, individualidade e autenticidade, tem raízes profundas

na história urbana, influenciando a estética, a funcionalidade e a identidade cultural das cidades. Desde os primórdios da urbanização, os artesãos desempenharam um papel fundamental na construção de edifícios, móveis, utensílios e objetos decorativos que definiram a paisagem urbana.

A evolução do artesanato ao longo dos séculos, embora tenha enfrentado desafios com as mudanças tecnológicas e a produção em massa, continua a ser uma expressão vibrante da criatividade e da tradição cultural. Nas cidades, o artesanato muitas vezes é uma ponte entre o passado e o presente, mantendo vivas as práticas ancestrais e proporcionando uma conexão tangível com a história local. A habilidade artesanal, transmitida de geração em geração, oferece uma forma de narrar a história das cidades, incorporando os valores, os costumes e as memórias que moldaram o tecido urbano.

Por outro lado, o design, particularmente com a industrialização, introduziu novas dimensões na evolução das cidades. A capacidade de produzir bens em massa levou a uma redefinição da paisagem urbana, onde a funcionalidade e a acessibilidade passaram a desempenhar papéis cruciais. No entanto, mesmo nesse contexto de produção em larga escala, o design sempre teve suas raízes no artesanato. Elementos de design são frequentemente influenciados por técnicas artesanais, materiais tradicionais e estilos locais, mantendo uma conexão com as origens artísticas e manuais das cidades.

A abordagem contemporânea para o design e o artesanato nas cidades tem visto um renascimento, especialmente à luz da necessidade de preservar a autenticidade e a identidade cultural em face da globalização. Muitos urbanistas e designers estão voltando seus olhares para o passado, buscando inspiração nas tradições artesanais regionais e nas raízes culturais das comunidades. O artesanato não é mais visto apenas como um vestígio do passado, mas como uma força motriz para a inovação e a criação de identidades urbanas únicas.

O artesanato e o design são conceitos intrinsecamente ligados à evolução das cidades, desempenhando papéis distintos e complementares na criação das paisagens urbanas. O design envolve a concepção de produtos, ambientes e sistemas com a intenção de melhorar a funcionalidade, a estética e a experiência dos usuários. Por outro lado, o artesanato é um processo de produção manual que valoriza a habilidade, a autenticidade e a singularidade de cada peça. Ambos os conceitos têm raízes profundas na história das cidades e influenciaram

a estética, a cultura e a identidade das comunidades urbanas.

Borges (2011), afirma que o artesanato é uma manifestação criativa enraizada na habilidade manual e na transmissão de conhecimento cultural de geração em geração. Ela destaca como o artesanato vai além da produção de objetos utilitários, representando uma linguagem cultural viva que conecta pessoas às suas raízes históricas e identidade local. No contexto das cidades, o artesanato desempenha um papel fundamental na preservação da autenticidade cultural, contribuindo para a estética diversificada e a riqueza de experiências urbanas. Portanto, o artesanato não apenas celebra tradições antigas, mas também evolui como uma expressão contemporânea que funde inovação, cultura e identidade em um contexto urbano dinâmico.

A relevância histórica do artesanato na configuração das cidades pode ser rastreada desde as civilizações antigas. Mumford (1998), enfatiza a importância do artesanato na "construção de um ambiente humano vivo e vital". Ele observou como o artesanato desempenhou um papel crucial na produção de edifícios, móveis e objetos que atendiam às necessidades diárias das pessoas, ao mesmo tempo que refletiam os valores culturais e estilísticos de uma sociedade.

Para Niemeyer (1997), design é um processo criativo intrinsecamente ligado à solução de problemas, à funcionalidade e à estética, buscando aprimorar a interação entre os indivíduos e o ambiente construído. A autora enfatiza como o design transcende a mera estética visual, abrangendo a capacidade de projetar objetos, espaços e sistemas que atendam às necessidades práticas e emocionais das pessoas, enquanto refletem a cultura e a identidade de uma sociedade. O design, portanto, é uma abordagem holística que integra a forma, a função e o significado, contribuindo para a criação de ambientes urbanos que são funcionais, agradáveis e socialmente relevantes.

A evolução do design como disciplina distintiva também influenciou as cidades de maneira profunda. Alexander (1979), argumenta que o design não é apenas uma atividade estética, mas uma forma de resolver problemas complexos para melhorar a qualidade de vida das pessoas. O autor explora como os princípios de design podem ser aplicados para criar ambientes urbanos mais humanizados e funcionais.

O artesanato tem sido frequentemente o tecido conectivo entre o design e as cidades.

Benjamin (2022), em seu ensaio "A Obra de Arte na Era da Sua Reprodutibilidade Técnica", examinou a transformação das práticas artesanais em face da produção industrial em massa. Ele levantou questões sobre a perda da "aura" e autenticidade nas obras de arte devido à reprodução em massa, mas também apontou para a possibilidade de revitalizar a autenticidade artesanal na era moderna.

A abordagem contemporânea para a interação entre design, artesanato e cidades frequentemente enfatiza a importância de manter a conexão com as tradições locais. Essa ênfase ressoa com as ideias de Borges (2011), que enfatiza a necessidade de olhar para a cultura local e o artesanato regional como uma base para o novo design. O diálogo entre tradição e inovação no contexto urbano é essencial para criar cidades que sejam autênticas, culturalmente ricas e funcionalmente relevantes para os seus habitantes.

Ao compreender a interação entre design, artesanato e cidades através das lentes de autores como Mumford (1998), Alexander (1997), Benjamin (2022) e as reflexões de Borges (2011), podemos traçar uma linha contínua da história até os desafios e oportunidades enfrentados pelas cidades contemporâneas.

### **3.1 Artesanato, design e desenvolvimento urbano**

O impacto do design no artesanato vai além do aspecto estético. Quando combinados de forma estratégica, o design e o artesanato podem impulsionar o desenvolvimento regional, criando oportunidades econômicas e fortalecendo as identidades culturais locais. O design não se limita apenas aos produtos, mas também abrange aspectos como embalagens, comunicação visual, estratégias de marketing e experiências do usuário. Esses elementos podem ser utilizados de maneira integrada para promover uma visão holística de desenvolvimento regional. A hipótese aqui levantada é que o design, com seu enfoque na criação de soluções funcionais e esteticamente atraentes, impulsiona a inovação e a diferenciação dos produtos artesanais, elevando sua qualidade e competitividade no mercado. Ao mesmo tempo, o artesanato, com sua ênfase na produção manual e na preservação de técnicas tradicionais, mantém vivas as heranças culturais e impulsiona a economia local, ao gerar empregos e atrair turistas interessados em experiências autênticas.



Juntos, o design e o artesanato contribuem para o desenvolvimento regional, fortalecendo a identidade local, fomentando a sustentabilidade social e ambiental, e promovendo a colaboração entre comunidades. Essa sinergia entre design, artesanato e desenvolvimento regional é capaz de gerar um ciclo virtuoso de desenvolvimento econômico, valorização cultural e melhoria da qualidade de vida nas comunidades envolvidas.

Cabe aqui considerar que o desenvolvimento econômico se caracteriza pela transformação de uma economia arcaica, ineficiente, em uma economia moderna, eficiente, concomitante com a melhoria da qualidade de vida e do bem-estar do conjunto da população.

Uma análise mais complexa é feita por Furtado (1982), que afirma que o verdadeiro desenvolvimento é principalmente um processo de ativação e canalização das forças sociais, do avanço da capacidade associativa, do exercício da iniciativa. Portanto, se trata de um processo social e cultural e, só secundariamente, um processo econômico; sendo que só se produz o desenvolvimento quando na sociedade se manifesta uma energia, capaz de canalizar, de forma convergente, forças que estão latentes ou dispersas.

Para Schumpeter (1982), o simples crescimento da economia, demonstrado pelo aumento da riqueza e da população, não é considerado um processo de desenvolvimento, para ele crescimento econômico e desenvolvimento econômico não são sinônimos.

Schumpeter (1982, p. 47) faz uma ressalva do que ele entende por desenvolvimento em relação a sua origem. “Entenderemos por ‘desenvolvimento’, portanto, apenas as mudanças da vida econômica que não lhe forem impostas de fora, mas que surjam de dentro, por sua própria iniciativa”, e afirma que, se não há mudanças emergindo dentro da própria esfera econômica (sendo o desenvolvimento econômico baseado no fato de que mudanças ocorrem e a economia se adapta a elas), não há desenvolvimento econômico.

Segundo Lipietz (1988), a concepção de espaço e o desenvolvimento regional eram, até a década de 1950, restritos às teorias de localização das atividades econômicas e aos seus desdobramentos. Essas teorias se baseavam em um conjunto de modelos produzidos segundo as condições históricas de cada época, sendo os modelos mais representativos: a teoria da localização industrial de Alfred Weber e seus “efeitos de aglomeração”; a teoria dos lugares centrais desenvolvida por Lösch e Christaller, com suas “redes de hexágonos regulares”.

Perroux (1977) concebeu, na década de 1950, a noção de “espaço abstrato”, rompendo com a concepção empirista do espaço, e desenvolveu a teoria dos polos de crescimento, analisando, nas suas abordagens teóricas, as razões que levam ao processo de concentração espacial e o papel da empresa líder, da indústria motora e indústria chave no processo de desenvolvimento regional.

Buscando explicar a natureza desigual do desenvolvimento econômico, Myrdal (1968) e Hirschman (1961) analisaram a tendência do aumento de desequilíbrios regionais decorrentes do processo de polarização e postularam que o livre funcionamento do mercado apenas piora o quadro das disparidades regionais.

O estudo do desenvolvimento de uma região segue as mesmas proposições do estudo do desenvolvimento econômico. Os caminhos trilhados por diversas linhas de abordagens do desenvolvimento regional adotam critérios e métodos estabelecidos pela análise econômica geral, adaptando-os para as especificidades do estudo de uma região.

Na interpretação de Barquero (1999), uma das mudanças mais importantes, que a teoria do desenvolvimento econômico teve nas últimas décadas do século XX, foi a formação de um novo paradigma de desenvolvimento denominado de “desenvolvimento endógeno”. Nesse período, foi criado o conceito de desenvolvimento endógeno em torno da ideia do território como elemento essencial ao desenvolvimento.

O desenvolvimento local apresenta-se menos como uma teoria de desenvolvimento da região que como um paradigma novo do desenvolvimento: desenvolvimento endógeno, territorial, autocentrado, desenvolvimento “por baixo”, opondo-se ao desenvolvimento “por cima”, que fundava as práticas anteriores. Esse novo enfoque foi elaborado em meados dos anos 70 [1970], graças às ideias de W. Stöhr, J. Friedmann e F. Taylor. O desenvolvimento local é, antes de tudo, a flexibilidade opondo-se à rigidez das formas de organização clássica, uma estratégia de diversificação e de enriquecimento das atividades sobre um dado território com base na mobilização de seus recursos (naturais, humanos e econômicos) e de suas energias, opondo-se às estratégias centralizadas de manejo do território. Ele encara a ideia de uma economia flexível, capaz de adaptar-se a modos mutáveis, e constituir alternativa para a economia das grandes unidades. A política do desenvolvimento local implica igualmente estratégias de financiamento e de formação, e passa pela descentralização dos níveis de decisão política, econômica e financeira. O desenvolvimento local tem conteúdo regional ou mesmo microrregional nos países desenvolvidos, mas pode ser aplicado no Terceiro Mundo a países em seu conjunto (BENKO, 1999, p. 228).

O novo paradigma de desenvolvimento entende que os recursos que condicionam o desenvolvimento devem estar enraizados e estimulados no próprio território. Os recursos

existentes, sejam de ordem natural, humana, social, locacional, devem constituir a base do processo de mudança. Respeitando e estimulando aspectos da cultura local, é possível estimular os agentes locais, introduzir novos conceitos e incorporar inovações sem entrar em conflito direto com a base sociocultural da comunidade.

### 3.2 Evolução urbana e a influência do artesanato e do design ao longo do tempo

O papel que o artesanato e o design desempenham na evolução das cidades é um testemunho da interdependência entre a criatividade humana, a cultura e o ambiente construído. Ao longo dos séculos, esses elementos tiveram papéis diferentes, mas complementares, para organizar as paisagens urbanas. Eles deixaram uma marca na história e na identidade das cidades.

O artesanato teve um papel importante na evolução das cidades desde os primeiros assentamentos urbanos. Em suas obras sobre a história urbana, Mumford (1998) enfatiza a importância dos artesãos na construção de edifícios e na fabricação de objetos que refletiam os valores culturais e as necessidades práticas das comunidades. Os estilos regionais distintos foram criados por meio da habilidade manual e do conhecimento transmitido de geração em geração. Esses estilos conferiram identidade às cidades.

Para Mestriner (2001), a história das embalagens remonta a tempos antigos, com os vasos gregos sendo um dos exemplos mais notáveis desse desenvolvimento. O autor destaca que os vasos gregos, datados de séculos antes de Cristo, eram recipientes artísticos e funcionais que serviam para armazenar diversos produtos, como óleos, vinho, alimentos e até mesmo cinzas de entes queridos. Essas embalagens eram frequentemente decoradas com intrincados desenhos e figuras que refletiam a cultura, mitologia e valores da Grécia Antiga. Mestriner (2001) cita o exemplo dos vasos de Beazley<sup>6</sup>, que se tornaram objetos de arte altamente valorizados e demonstraram a habilidade dos artesãos em criar embalagens atraentes e duráveis. Mestriner (2001) destaca como os conceitos estéticos, funcionais e

---

<sup>6</sup> “Beazley publicou, em 1956, o catálogo dos pintores de 10.000 vasos de figuras negras - *Attic Black-figure Vase-painters* (ABV), a partir de seu estudo sobre os achados arqueológicos da Grécia antiga. Em 1963, publicou os três volumes para pintores de 21.000 vasos de figuras vermelhas - *Attic Red-figure Vase-painters* (ARV) - e, em 1971, o suplemento - *Paralipomena* (Para) - para figuras negras e vermelhas. As listas de Beazley apresentam não menos que 200 pintores de figuras negras e quase o dobro de pintores de figuras vermelhas”. O autor é uma referência mundial para o estudo iconográfico dos vasos gregos antigos. (Dias, 2009).

simbólicos das embalagens têm raízes profundas na história e como esses princípios continuam a moldar o design de embalagens modernas. Sua pesquisa e obras fornecem insights valiosos sobre como as embalagens evoluíram ao longo do tempo e como são fundamentais para o marketing, proteção e comunicação de produtos na sociedade contemporânea.

No entanto, o surgimento do design industrial deu origem a mudanças de paradigmas. As paisagens urbanas foram transformadas pela padronização de produtos e produção em massa, tornando-as mais consistentes e úteis. Um dos maiores legados de Harvey (1993) é sua crítica do capitalismo urbano. Ele discutiu como a industrialização transformou os centros urbanos, que frequentemente deixaram de lado o artesanato e as tradições em favor da eficiência econômica. Mas, mesmo assim, os princípios de design e a busca pela estética não desapareceram, e o design industrial ainda incorporava elementos de artesanato.

Benjamin (2022), por sua vez, explorou a relação entre reprodução técnica e autenticidade cultural na era moderna. Ele argumentou que a reprodução em massa poderia resultar na perda da "aura" das obras de arte, mas também destacou a possibilidade de trazer autenticidade de volta através da valorização do artesanato e da singularidade. Essa noção de "aura" é relevante para a maneira como as cidades se desenvolvem, pois, a valorização do artesanato regional pode conferir uma sensação de autenticidade e história a ambientes urbanos cada vez mais homogêneos.

A interação entre design, artesanato e desenvolvimento urbano evoluiu na modernidade. Para Simmel (1967), cujas reflexões sobre a vida metropolitana destacaram a complexa interação entre indivíduos na cidade, ressoa na abordagem atual a necessidade de incorporar elementos artesanais como formas de proporcionar experiências mais humanizadas nas cidades modernas. Assim, podemos afirmar que o design e o artesanato são fios entrelaçados no tecido do desenvolvimento urbano, cada um contribuindo com cores únicas para o panorama das cidades.

## 4 ORIGEM E HISTÓRIA DAS CIDADES MODERNAS NA PERSPECTIVAS DOS AUTORES

### SELECIONADOS

As cidades, ao longo dos milênios, evoluíram como epicentros de interação humana, respondendo aos fluxos de fatores sociais, econômicos, culturais e tecnológicos. Para Hobsbawm e Ranger (2012), das primeiras civilizações às eras contemporâneas, essa evolução se manifestou de maneira singular. Antigas cidades-estados como Ur e Babilônia emergiram nas férteis margens de rios como Nilo, Tigre e Eufrates, enquanto civilizações do antigo Vale do Indo projetaram cidades planejadas. O período clássico viu o florescimento de cidades gregas e romanas, com Atenas e Roma como faróis culturais. A Idade Média testemunhou cidades medievais protegidas por muralhas e castelos, e a Revolução Industrial desencadeou migração urbana em direção a polos industriais como Manchester e Birmingham. No século XX, metrópoles como Nova Iorque e Tóquio se destacaram como ícones modernos, embora enfrentassem desafios de desigualdade e degradação ambiental. Hoje, com mais da metade da população global vivendo nas cidades, a busca por urbes inclusivas e sustentáveis emerge como uma meta essencial, refletindo o contínuo e complexo processo de evolução urbana.

A origem e a história das cidades são temas que têm ocupado a mente de pensadores e estudiosos ao longo dos séculos. Os autores Benjamin (2022), Harvey (1993), Mumford (1998) e Simmel (1967) oferecem perspectivas ricas sobre como as cidades modernas surgiram, se desenvolveram e moldaram a experiência humana ao longo do tempo, enriquecendo nossa compreensão das complexas dinâmicas urbanas até a contemporaneidade.

Benjamin (2022), por meio de sua análise crítica da modernidade, explorou como as cidades se transformaram em espaços de interação social e troca cultural. Sua obra revelou como as mudanças na reprodução técnica de objetos e imagens afetaram a percepção do ambiente urbano, modificando a maneira como as pessoas se relacionam com a cidade. Ao compreender o papel das imagens e da reprodução na formação das cidades, podemos refletir sobre como as representações visuais contribuem para a construção das narrativas urbanas.

Enquanto Harvey (1993), em suas análises da urbanização capitalista, examinou como as cidades se desenvolveram em meio às forças do mercado e da acumulação de capital. Sua obra lançou luz sobre a relação entre poder econômico, propriedade e crescimento urbano, identificando desigualdades sociais que muitas vezes são perpetuadas nas cidades. Essa

perspectiva nos leva a compreender como as relações de poder e os sistemas econômicos influenciam a estrutura e a distribuição espacial das cidades ao longo do tempo.

Para Mumford (1998), em sua abordagem humanista da história urbana, as cidades são mais do que aglomerados de edifícios, sendo também manifestações culturais e sociais. Sua visão integradora destacou como as interações humanas, o artesanato e a tecnologia moldaram o ambiente urbano e influenciaram a qualidade de vida das pessoas. Através dessa lente, podemos examinar como as dimensões sociais, culturais e humanas são entrelaçadas na história das cidades.

Simmel (1967), por sua vez, analisou a vida metropolitana e as complexas relações sociais que surgem nas cidades densamente povoadas. Sua obra enfocou a experiência individual e a dinâmica das relações interpessoais na cidade, explorando como a urbanização impacta a psicologia humana e a interação social. Com essa perspectiva, podemos compreender melhor os padrões de interação e alienação que se desenvolvem nas cidades e como esses fatores influenciam a identidade urbana.

Em conjunto, as contribuições desses autores fornecem uma base sólida para examinar a origem e a história das cidades modernas de maneira abrangente. Suas perspectivas oferecem informações valiosas sobre a influência de fatores sociais, econômicos, culturais e psicológicos na formação das cidades, enriquecendo nossa compreensão das narrativas urbanas que se desdobram ao longo do tempo.

Com isso, podemos concluir que, as cidades desempenharam um papel de importância inestimável ao longo da história, atuando como fulcros de troca cultural, comércio e inovação. Desde as antigas civilizações, as cidades foram os locais onde diferentes culturas se entrelaçaram, promovendo a diversidade e o intercâmbio de ideias, costumes e conhecimentos. Ao longo da história, as cidades se tornaram pontos de convergência para a inovação e o progresso, impulsionando avanços científicos, tecnológicos e comerciais. Através de sua capacidade única de reunir pessoas de diversas origens e disciplinas, as cidades continuam a catalisar a evolução da sociedade, sustentando o fluxo contínuo de ideias e estabelecendo-se como epicentros dinâmicos de criatividade e troca cultural.

As cidades modernas perpetuam a importância histórica como centros de troca cultural,

comércio e inovação, mas agora em uma escala global e com novas dimensões. Impulsionadas pela conectividade tecnológica e pela mobilidade, as metrópoles contemporâneas são locais onde a diversidade é ainda mais acentuada, com pessoas de diferentes partes do mundo interagindo e compartilhando experiências. As cidades modernas são centros de comércio, abrigando mercados globais e distritos financeiros que impulsionam a economia global. Além disso, tornaram-se catalisadores para a inovação, concentrando talentos e recursos em setores como tecnologia, pesquisa e indústrias criativas. Ao mesmo tempo, a vida urbana moderna trouxe novos desafios, como a necessidade de lidar com a densidade populacional, a sustentabilidade ambiental e a equidade social. No entanto, a capacidade das cidades modernas de reunir pessoas diversificadas e estimular a colaboração e a troca cultural permanece fundamental para a evolução da sociedade e para a busca contínua de soluções para desafios globais.

## **5 A RELAÇÃO ENTRE ARTESANATO, DESIGN E DESENVOLVIMENTO URBANO NA VISÃO DOS AUTORES SELECIONADOS**

As ideias de Benjamin (2022) sobre a “aura”, a reprodução técnica e a memória coletiva têm implicações profundas para a interação entre artesanato, design e cidades. Sua reflexão sobre a "aura" de uma obra de arte e como ela é alterada pela reprodução técnica tem relevância direta para a maneira como objetos artesanais e projetos de design são percebidos em um contexto urbano.

A noção de "aura" proposta por Benjamin (2022) descreve a singularidade e autenticidade de uma obra de arte original, que é carregada de significado histórico e cultural. No entanto, a reprodução técnica, como a impressão em massa, desafia essa autenticidade, tornando a obra de arte mais acessível, mas também perdendo parte da sua qualidade única. No contexto das cidades, onde objetos artesanais e designs estão em constante reprodução e disseminação, a questão da autenticidade e da conexão cultural pode surgir. Como os designs e objetos artesanais reproduzidos em massa podem preservar sua integridade e valor cultural em um ambiente urbano diversificado e em constante mudança?

Além disso, a memória coletiva, um tema central do autor, está ligada à história das cidades.

As cidades são portadoras de histórias e narrativas, onde a arquitetura, os monumentos e as tradições artesanais são entrelaçados em uma teia de significados. O design urbano e os elementos artesanais incorporados nas cidades podem atuar como pontos de ancoragem para a memória coletiva, conectando as gerações passadas e presentes. Ele observou com a memória coletiva é influenciada pela maneira como as cidades são construídas, projetadas e experimentadas.

A reflexão de Benjamin (2022) também nos faz questionar como o design e o artesanato contemporâneos podem abordar a questão da reprodução técnica e da autenticidade. Como os objetos artesanais e projetos de design podem manter a sua "aura" e autenticidade no mundo urbano moderno, onde a produção em massa é comum? Isso pode envolver uma busca por materiais locais, técnicas tradicionais e uma abordagem que valoriza a singularidade.

Portanto, as ideias de Benjamin (2022) lançam luz sobre os desafios e oportunidades para o design, o artesanato e as cidades. Como os objetos e elementos urbanos podem preservar sua essência em meio à reprodução técnica e, ao mesmo tempo, contribuir para a memória coletiva e a conexão cultural nas cidades em constante evolução? Essas questões fornecem uma base para a exploração das interseções entre design, artesanato e o ambiente urbano, considerando as implicações da tecnologia, cultura e história.

Grande crítico da urbanização capitalista, Harvey (1993) argumenta que a urbanização é inseparável da lógica do capitalismo, resultando em processos de acumulação de capital que moldam a configuração das cidades. Ele examina como o desenvolvimento urbano é guiado por interesses econômicos, muitas vezes negligenciando as necessidades e desejos das comunidades. Nesse contexto, o design urbano muitas vezes reflete prioridades comerciais, o que pode levar à homogeneização das paisagens urbanas e à marginalização do artesanato tradicional.

Um aspecto central da análise de Harvey (1993) é a gentrificação, o processo pelo qual áreas urbanas são revitalizadas para atrair uma classe mais alta, muitas vezes deslocando as comunidades de baixa renda que antes ocupavam essas áreas. Esse fenômeno pode ter implicações significativas para o artesanato local, pois as comunidades deslocadas podem levar consigo tradições e práticas artesanais. Além disso, a gentrificação frequentemente transforma bairros em áreas comerciais e de entretenimento, impactando a autenticidade



cultural e a vitalidade artesanal das cidades.

Por outro lado, o autor também aponta para a possibilidade de resistência e transformação por meio da política urbana. Ele destaca como os movimentos sociais podem desafiar a lógica capitalista e reivindicar o espaço urbano para as necessidades das comunidades. Isso pode influenciar o design e o artesanato urbano, promovendo abordagens mais inclusivas e colaborativas que valorizam a cultura local e a diversidade.

As contribuições de Harvey (1993) para a teoria urbana oferecem uma lente crítica que ressalta as complexas interações entre urbanização, capitalismo, design e artesanato. Sua análise alerta para as desigualdades e desafios que surgem nas cidades em processo de transformação, enquanto também aponta para o potencial de resistência e mudança. Ao explorar como os interesses econômicos influenciam a forma das cidades, Harvey nos convida a considerar como o design e o artesanato podem ser moldados de maneira mais sensível às necessidades das comunidades e à preservação da identidade cultural nas paisagens urbanas em constante mutação.

Outro autor amplamente reconhecido por sua abordagem humanista à urbanização e à interação entre tecnologia, cultura e design urbano, Mumford (1998) traz em sua análise da evolução das cidades uma visão sobre o papel da produção artesanal na criação de ambientes urbanos humanizados.

Mumford (1998) enfatiza a importância de uma abordagem holística no planejamento urbano, considerando as necessidades humanas, culturais e estéticas em conjunto com os avanços tecnológicos. Ele critica a urbanização descontrolada e voltada para o lucro, defendendo que as cidades devem ser modeladas de acordo com as aspirações e valores das comunidades.

Em relação ao artesanato, o autor valoriza a habilidade manual e a conexão direta entre o criador e a obra, algo que considera essencial para criar ambientes urbanos ricos em identidade e significado. Ele enxerga o artesanato como uma contraposição à produção em massa e à padronização, que podem resultar em ambientes urbanos monótonos e alienantes. O artesanato, segundo Mumford (1998), permite uma maior personalização e detalhamento nos edifícios, espaços públicos e objetos, criando uma atmosfera de autenticidade e cuidado. Além disso, ele destaca a importância do artesanato na preservação da cultura local e das tradições,

que são elementos vitais para a identidade de uma cidade. Ele vê o artesanato como uma forma de manter vivas as habilidades tradicionais e a conexão com o passado, proporcionando uma continuidade cultural em um mundo em rápida mudança.

Mumford (1998) também reconhece a relação simbiótica entre tecnologia e artesanato. Enquanto a tecnologia oferece eficiência e possibilidades inovadoras, o artesanato traz a sensibilidade humana e a dimensão cultural. Ele defende uma abordagem equilibrada, onde a tecnologia seja usada para melhorar a qualidade de vida e o bem-estar das pessoas, em vez de ser um fim em si mesma.

Simmel (1967), trouxe uma abordagem única para a sociologia urbana, enfocando as interações sociais complexas que surgem na vida nas cidades. Suas reflexões sobre a vida urbana têm implicações interessantes para o design e o artesanato, revelando como esses elementos são moldados pela dinâmica da cidade.

O autor observou que a vida urbana é caracterizada por uma interação constante entre estranhos. Nas cidades, as pessoas frequentemente se encontram em um ambiente de anonimato, onde as conexões são superficiais e passageiras. Esse ambiente estimula a criação de uma "mentalidade blasé", uma atitude de indiferença para se proteger contra o excesso de estímulos sociais. Esse contexto influencia o design urbano ao criar espaços onde a mobilidade e a eficiência são priorizadas, mas também pode criar uma falta de engajamento e conexão genuína.

No entanto, ele também destaca o potencial positivo dessa interação entre estranhos. A cidade oferece oportunidades para a experimentação e a liberdade, permitindo que as pessoas explorem diferentes identidades e perspectivas. A diversidade cultural e a multiplicidade de atividades na cidade geram uma rica tapeçaria de experiências, que por sua vez podem inspirar design criativo e a expressão artesanal.

Em relação ao artesanato, Simmel (1967) reconhece a tendência da cidade em fragmentar as atividades humanas em tarefas especializadas. No entanto, ele vê o artesanato como uma resposta a essa divisão, uma vez que ele incorpora uma conexão direta entre o criador e o objeto produzido. O artesanato pode ser entendido como uma manifestação da individualidade em um ambiente onde a conformidade e a impessoalidade são prevalentes. Ele cria uma relação

mais íntima entre o artesão e seu trabalho, refletindo uma autenticidade que pode se destacar em meio à uniformidade urbana.

Na ideia de Simmel (1967), a conexão entre design e artesanato reside na interação entre a experiência urbana e a expressão criativa. O design urbano pode influenciar as interações sociais e as sensações emocionais, afetando a forma como as pessoas se conectam à cidade. O artesanato, por sua vez, pode oferecer um contraponto à produção em massa, enfatizando a singularidade e a autenticidade em um ambiente onde a homogeneidade muitas vezes prevalece.

Em resumo, as reflexões dos autores citados sobre a sociologia urbana oferecem um prisma valioso para entender como a vida na cidade, o design e o artesanato interagem. Suas ideias destacam as complexas dinâmicas sociais e emocionais que moldam as cidades, enquanto também apontam para como o design criativo e o artesanato podem desempenhar um papel na criação de espaços urbanos mais significativos e autênticos.

## 6 SÍNTESE E DISCUSSÃO

As perspectivas de Benjamin (2022), Harvey (1993), Mumford (1998) e Simmel (1967) sobre a relação entre design, artesanato e a história das cidades revelam convergências e divergências interessantes, fornecendo dados multifacetados sobre esse tema complexo.

Os autores reconhecem a importância da identidade cultural na configuração das cidades. Eles concordam que o design e o artesanato desempenham papéis cruciais na preservação das tradições culturais e na expressão das identidades locais. Eles compartilham a visão de que a urbanização influencia profundamente a forma das cidades, afetando as relações sociais, a experiência humana e a cultura. Discutem ainda como as escolhas de design e o desenvolvimento urbano são influenciados por fatores econômicos, políticos e sociais. E consideram a relação entre tecnologia, design e artesanato. Eles exploram como a tecnologia afeta a produção, a reprodução técnica e a autenticidade das obras, além de examinar como as inovações tecnológicas moldam a experiência urbana.

É preciso observar que, Harvey (1993) se destaca por sua análise crítica das estruturas socioeconômicas, enfocando como o capitalismo influencia a urbanização. Benjamin (2022) e

Simmel (1967) também consideram fatores sociais, mas suas abordagens podem ser mais abstratas, enquanto Harvey (1993) enfatiza as implicações materiais da desigualdade urbana. Simmel (1967) se concentra nas complexas interações sociais nas cidades e na subjetividade das experiências individuais. Sua abordagem difere das análises mais macroestruturais de Harvey (1993), que enfatiza a acumulação de capital e as forças políticas.

Mumford (1998) destaca a importância do artesanato na humanização dos ambientes urbanos. Embora todos os autores considerem o papel do artesanato, ele coloca maior ênfase na conexão pessoal e na autenticidade que o artesanato pode trazer aos espaços urbanos.

Benjamin (2022), por sua vez, introduz a ideia de "aura" e reprodução técnica. E embora outros autores não discutam esse conceito diretamente, eles abordam questões semelhantes relacionadas à autenticidade, valor cultural e transformações resultantes da reprodução técnica. As abordagens desses quatro autores convergem na percepção da importância do design, do artesanato e da história na configuração das cidades, mas, divergem em termos de ênfase nas estruturas socioeconômicas, interações sociais, humanização urbana e abordagens estéticas.

Combinadas, essas perspectivas oferecem uma compreensão mais completa das complexidades da relação entre design, artesanato e a história das cidades.

Suas reflexões sobre a reprodução técnica e a perda da "aura" de autenticidade nas obras de arte podem ser aplicadas à compreensão da proliferação da cultura de massa e da homogeneização visual nas cidades modernas. A urbanização rápida muitas vezes leva à padronização de espaços urbanos e à reprodução em massa de designs e elementos arquitetônicos. Isso levanta questões sobre a preservação da identidade cultural e da autenticidade nas cidades, bem como sobre a relação entre a produção em massa e a valorização do artesanato e do design personalizado.

A abordagem crítica ao capitalismo e à gentrificação de Harvey (1993) ajuda a contextualizar as desigualdades socioeconômicas presentes nas cidades modernas. As transformações urbanas frequentemente favorecem a elite econômica em detrimento das comunidades de baixa renda, o que tem implicações diretas para a distribuição de recursos, espaços públicos e acessibilidade ao design e ao artesanato. As ideias de Harvey incentivam uma análise mais

profunda das forças econômicas que moldam o desenvolvimento urbano e como elas impactam a qualidade de vida dos cidadãos.

A ênfase na humanização do ambiente urbano e no papel do artesanato de Mumford (1998) ressoa nas discussões contemporâneas sobre design inclusivo e sustentável. À medida que as cidades modernas buscam criar espaços mais habitáveis e resilientes, a valorização do artesanato e do design sensível às necessidades humanas se torna fundamental. As ideias dele incentivam uma abordagem mais holística e centrada nas pessoas ao planejamento urbano, que considere tanto a estética quanto a funcionalidade.

Enquanto a exploração das interações sociais e da mentalidade blasé na vida urbana descritas por Simmel (1967), pode ser aplicada à compreensão das relações humanas nas cidades contemporâneas. A urbanização intensificou a conectividade superficial e a fragmentação das interações sociais, dando origem a comunidades virtuais e uma sensação de isolamento. As ideias do autor convidam a reflexões sobre como promover a conexão genuína e a autenticidade nas interações urbanas, bem como sobre como o design e o artesanato podem contribuir para criar espaços que incentivem o engajamento social.

Em conjunto, as ideias desses autores fornecem uma estrutura conceitual para analisar as complexidades das cidades modernas, considerando aspectos como identidade cultural, desigualdade, humanização, interações sociais e autenticidade. Essas abordagens podem informar estratégias de planejamento urbano, design e promoção de artesanato que atendam às necessidades e aspirações das comunidades urbanas, ao mesmo tempo em que respondem aos desafios contemporâneos de crescimento, diversidade e sustentabilidade.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta análise da relação entre design, artesanato e a história das cidades à luz das perspectivas de Benjamin (2022), Harvey (1993), Mumford (1998) e Simmel (1967)), destacamos uma série de informações que enriquecem nossa compreensão sobre o desenvolvimento urbano. Cada autor ofereceu contribuições valiosas, abordando diferentes aspectos dessa complexa interação.

Através das lentes de Benjamin (2022), compreendemos como a reprodução técnica impacta

a autenticidade e a "aura" das obras de arte e objetos urbanos, levantando questionamentos sobre a autenticidade e o valor cultural nas cidades modernas. Harvey (1993), por sua vez, nos alerta para as forças do capitalismo e suas consequências na urbanização, especialmente no que diz respeito à gentrificação e às desigualdades urbanas, gerando reflexões cruciais sobre justiça social e inclusão no design e artesanato urbano.

Mumford (1998) enfoca a humanização do ambiente urbano por meio do artesanato, destacando a importância da singularidade e da conexão cultural. Simmel (1967), por outro lado, aborda a complexidade das interações sociais nas cidades, ressaltando a tensão entre anonimato e individualidade, o que nos convida a explorar como o design e o artesanato podem promover engajamento e autenticidade nas comunidades urbanas.

A convergência entre essas perspectivas reside na valorização da identidade cultural, da autenticidade e da compreensão das interações humanas nas cidades. As divergências enriquecem a discussão, abordando desde estruturas econômicas até a influência tecnológica e as interações sociais profundas.

Essa análise nos leva a concluir que a relação entre artesanato, design e a história das cidades é intrincada e multifacetada. As ideias desses autores nos incentivam a considerar a cidade como um espaço onde aspectos estéticos, culturais, sociais e econômicos interagem. O desafio contemporâneo é encontrar maneiras de integrar esses elementos de maneira sensível e equilibrada, criando cidades que sejam autênticas, inclusivas e verdadeiramente humanizadas. É somente através de uma abordagem holística que poderemos moldar espaços urbanos vibrantes e significativos, que respeitem a história, a cultura e as necessidades de suas comunidades.

Compreender a interação entre artesanato, design e a história das cidades é fundamental para um desenvolvimento regional e urbano sustentável e significativo. Essa compreensão oferece uma base para abordagens sensíveis e holísticas no planejamento urbano e no design, permitindo que as cidades sejam moldadas de maneira a preservar a identidade cultural, promover a inclusão social e criar ambientes humanizados.

O estudo aqui proposto deixa claro que a relação entre artesanato, design e história das cidades é um fio condutor que conecta aspectos culturais, sociais, econômicos e estéticos. Essa

compreensão mais profunda pode orientar a criação de espaços urbanos que atendam às necessidades das comunidades locais, enquanto também respeitam e celebram a rica herança cultural e histórica de uma região.

Para futuras pesquisas se faz necessário explorar como as tecnologias emergentes, como a inteligência artificial e a realidade virtual, influenciam o design urbano e o artesanato, e como podem ser integradas para enriquecer a experiência urbana. Cabe ainda investigar como o design e o artesanato podem contribuir para soluções inovadoras de sustentabilidade urbana, incluindo o uso de materiais locais e práticas de construção *eco-friendly*. Se faz urgente também examinar como a participação das comunidades locais no processo de design e revitalização urbana pode influenciar a preservação da história e da cultura das cidades e explorar como o artesanato e o design podem impulsionar a economia criativa das cidades, incentivando a criação de empregos e a valorização da produção artesanal local.

Ao mergulhar nessas áreas de pesquisa, será possível contribuir para uma compreensão mais profunda da interação entre design, artesanato e história das cidades, e como essa interação pode ser canalizada para criar espaços urbanos mais resilientes, autênticos e culturalmente ricos, além de, socialmente e economicamente desenvolvidos.

**REFERÊNCIAS**

- ALEXANDER, C. "A City is Not a Tree". **Architectural Forum**, 122(1), 58-62. 1979.
- BARQUERO, A. V. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 1999.
- BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na era de sua Reprodutibilidade Técnica**. Porto Alegre, L&PM, 2022.
- BENKO, G. **Economia, espaço e globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BORGES, Adélia. **Design + artesanato: o caminho brasileiro**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.
- CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- DIAS, C.K.B. Abordagens metodológicas para o estudo de vasos gregos: a atribuição e a análise iconográfica. **Revista Eletrônica Antiguidade Clássica**. São Paulo, Revista Eletrônica Antiguidade Clássica ISSN 1983 7614 – No. 004/ Semestre II/2009/pp.47-65. Disponível em: [http://www.antiguidadeclassica.com/website/edicoes/quarta\\_edicao/quarta\\_edicao.pdf](http://www.antiguidadeclassica.com/website/edicoes/quarta_edicao/quarta_edicao.pdf). Acesso em: 22.09.2023.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**, 22ª ed., São Paulo: Editora Nacional, 1982.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo, Loyola, 1993.
- HIRSCHMAN, Albert. **A economia como ciência moral e política**. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (orgs.). **A invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz eTerra, 2012.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/> Acesso em: 01 jun. 2023.
- LIPIETZ, Alain. **Audácia: uma alternativa para o século XXI**. São Paulo: Nobel, 1988.
- MESTRINER, Fábio. **Design de Embalagem: Curso básico**. São Paulo: Pearson Universidades, 2001.
- MORIN, Edgard. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre, Meridional, 1999.
- MUMFORD, L. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo. Martins Fontes. 1998.
- MYRDAL, Gunnar. **The Political Element in the Development of Economic Theory**. 3ª impressão. Routledge & Kegan Paul Ltd.: Londres, 1958.



NIEMEYER, Lucy. **Design no Brasil: Origens e Instalação**. Rio de Janeiro: 2AB, 1997.

PERROUX, F. **Ensaio sobre a filosofia do novo desenvolvimento**. Calouste Gulbenkian, 1977.

SCHUMPETER, J. A. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e ciclo econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SIMMEL, G. **Filosofia do dinheiro**. São Paulo. Contraponto. 2014.

SIMMEL, G. **A metrópole e a vida mental**. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. São Paulo. Zahar Editores. 1967.